

A GAROTA DO TREM

Assim que ela saltasse do trem, esqueceria o nosso breve encontro; comigo, porém, seria algo diferente.

Eu tinha a cabina do trem para Rohana só para mim, quando entrou uma garota. O casal que a pôs ali provavelmente eram seus pais; pareciam muito interessados no seu conforto, e a mulher deu-lhe instruções detalhadas sobre o lugar onde devia guardar suas coisas, não se debruçar nas janelas e evitar falar com estranhos.

Como eu já era cego, não podia dizer qual o aspecto dela, mas sabia que estava de chinelos, pelo barulho que faziam batendo nos seus calcanhares, e gostei do som da voz dela.

«Você vai até Delira Dun?» perguntei, quando o trem saiu da estação.

Eu devia estar sentado num canto escuro, pois a minha voz a assustou. Ela soltou uma exclamação e disse: «Não sabia que tinha alguém aqui!»

Bem, acontece muitas vezes que pessoas com boa vista deixam de ver o que está mesmo na sua frente. Imagino que tenham coisas demais para observar, enquanto os que não vêem absorvem o que se registra de modo mais marcante nos sentidos que lhes restam.

«No começo, eu também não a vi», disse eu, «mas ouvi você entrar.» Pensei se ia conseguir impedir que ela descobrisse que eu não via. Pensei: Desde que eu fique sentado, não deve ser muito difícil.

«Vou saltar em Saharanpur»,- informou a garota. «Minha tia vai me esperar lá. Para onde é que você vai?»

«Para Dehra Dun, e depois sigo para Mussoorie», respondi.

«Ah, que sorte a sua! Quem me dera ir para Mussoorie. Adoro as montanhas. Especialmente em outubro.»

«É, é a melhor época», disse eu, recorrendo às minhas recordações de quando via. «Os morros ficam cobertos de dalias silvestres, o sol é uma delícia, e de noite a gente pode ficar sentado diante de um fogo de lenha, tomando um conhaque. A maior parte dos turistas já foi embora e as estradas são tranquilas e quase desertas.»

Ela ficou calada e eu pensei se minhas palavras a teriam comovido ou se me achava um tolo romântico. Aí, cometi um erro. «Como é que está o tempo lá fora?» perguntei.

Ela não pareceu achar a pergunta estranha. Já teria notado que eu não podia ver? Sua pergunta seguinte, porém, me tirou qualquer dúvida. «Por que não olha pela janela?» perguntou ela com naturalidade.

Eu segui com facilidade pelo assento e tateei procurando o parapeito da janela. Esta estava aberta e olhei por ela, fazendo de conta que admirava a paisagem. Mentalmente eu via os postes de telégrafo passarem depressa. «Já notou», arrisquei, «que as árvores parecem se mover, e nós parecemos estar parados?»

«É sempre assim», disse ela.

Virei-me da janela e encarei a garota, e permanecemos calados um pouco. «Você tem um rosto interessante», comentei. Eu estava ficando muito ousado, mas era um comentário seguro: poucas garotas podem resistir à lisonja.

Ela se riu, agradavelmente, um riso límpido e cristalino. «É bom ouvir isso», disse ela. «Estou tão farta de ouvir as pessoas me dizerem que tenho um rosto bonito!»

Ah, então você tem um rosto bonito, pensei, e disse em voz alta: «Bem, um rosto interessante também pode ser bonito.»

«Você é muito galanteador», retrucou ela. «Mas por que está tão sério?»

«Daqui a pouco chegaremos à sua estação», disse eu, um pouco bruscamente.

«Graças a Deus que é uma viagem curta. Não suporto ficar sentada num trem por mais de duas ou três horas.»

No entanto, eu estava disposto a permanecer ali sentado por tempo indeterminado, só para ouvi-la falar. A voz dela tinha o brilho de um córrego de montanha. Assim que ela saltasse do trem, esqueceria o nosso breve encontro; mas ele ficaria comigo o resto da viagem e depois ainda por algum tempo.

Ouviu-se o apito estridente da máquina; as rodas do vagão mudaram de som e de ritmo. A garota levantou-se para pegar suas coisas. Pensei se ela usaria o cabelo preso, ou se estava solto sobre os ombros, ou se era cortado muito curto.

O trem entrou na estação, devagar. Lá fora, ouviam-se os gritos dos carregadores e vendedores e, perto da porta do vagão, uma voz de mulher, muito aguda, que devia ser da tia da garota.

«Adeus», disse ela.

Estava muito perto de mim, tão perto que o perfume dos cabelos dela era perturbador. Tive vontade de levantar a mão e tocar neles, mas ela se afastou, e só o perfume permaneceu onde ela tinha estado.

Houve certa confusão à porta. Um homem que entrou no compartimento balbuciou desculpas. Depois a porta fechou-se, com barulho, e o mundo ficou isolado de novo. Voltei para o meu lugar. O guarda soprou o apito e partimos.

O trem ganhou velocidade, as rodas retomaram sua canção, o vagão gemeu e se sacudiu. Encontrei a janela e sentei-me diante dela, olhando para o dia que para mim era o escuro. Mais uma vez, tinha uma pessoa na cabina comigo.

«Sinto muito não ser um companheiro de viagem tão interessante como a que acabou de sair!» gracejou ele, puxando conversa.

«Uma mocinha interessante», disse eu. «Pode me dizer... ela tinha cabelos compridos ou curtos?»

«Não me lembro», respondeu ele, parecendo intrigado. «Notei foram os olhos dela, não os cabelos. Eram lindos, mas não lhe adiantavam nada... era cega. Não notou?»

O segredo do equilíbrio

O ESCRAVO trabalha porque é obrigado a fazê-lo; o artista, porque gosta; o tolo faz serviços desnecessários porque é tolo. Cada um de nós tem uma parte de escravo, outra de artista, uma terceira de tolo. O homem sensato é aquele que se esforça para ser as três coisas em proporções razoáveis, e evita exceder-se em qualquer das três.